

GONÇALVES DIAS

Fernandes Távora

A 10 de agosto de 1823, no lugarejo Boa Vista, perto de Caxias, no Maranhão, filho de pai português e mãe mestiça, nascia Antônio Gonçalves Dias, que disputaria com Castro Alves a glória de maior poeta brasileiro do século XIX.

Mas, não é o profundo conhecedor da língua, autor erudito das «Sextilhas de Frei Antão», que desejo focalizar.

Nem o poeta ternamente lírico, debruçado sobre o amor e a saudade da terra natal, artifice de jóias maviosas como «Canção do Exílio», «Ainda uma vez» e «Olhos Verdes».

Tão pouco o implantador do romantismo no Brasil e criador do «indianismo» na poesia, glorificando a raça na beleza épica do «I-Juca-Pirama», da «Canção do Piaga», do «Canto do Guerreiro».

É o estudioso de nossa história e de nossa gente, cujo nome se acha intimamente ligado à «Missão Científica de Exploração» de 1859, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico, sob os auspícios do Imperador D. Pedro II, que percorreu o interior do Ceará, cujo subsolo a imaginação da época enriquecia com fantásticas minas de metais preciosos.

A composição dessa Comissão abrangia 5 seções chefiadas por nomes de reconhecido gabarito, quase todos membros do Instituto: a Botânica — Francisco Freire Alemão; a Geológica e Minerológica — Guilherme Schuch Capanema; a Zoológica — Manoel Ferreira Lagos; a Astronômica e Geográfica — Giacomo Raja Gabaglia, cabendo a Gonçalves Dias a direção da Etnográfica e Narrativa da Viagem. A Presidência da mesma ocupou-a o melhor botânico brasileiro do século passado, Conselheiro Francisco Freire Alemão, porém, o de maior renome entre seus componentes, era, sem dúvida,

Gonçalves Dias, cuja enorme projeção como criador do indianismo ofuscava, de muito, seus méritos como estudioso de assuntos históricos e indígenas.

No Instituto, informa Renato Braga em sua magistral «História da Comissão Científica de Exploração», «apresentara êle a memória «Brasil e Oceania», lida na presença de S. M., em que estabelece o paralelo entre os caracteres físicos, morais e intelectuais das nações pertencentes ao Brasil e ao Novíssimo Mundo, tais quais existiam no momento da descoberta. Na Revista da Sociedade (1851) appareceu o seu «Vocabulário da Língua Geral usada hoje em dia no Alto Amazonas» e em 1858 editada em Leipzig o «Dicionário da Língua Tupi». Este trabalho, abreviado e contraído, appareceu como suplemento à 4a. edição do «Dicionário da Língua Portuguesa», de Eduardo Faria, levado a efeito nos annos de 1858 e 1860, por D. José Maria de Almida e Araújo Correia de Lacerda».

A nomeação de Gonçalves Dias para essa Comissão o surpreendera na Europa, onde chegara em 1854, para estudos sobre a Instrução Pública e investigações da História do Brasil.

Ao contrário dos demais membros, o poeta já conhecia o Ceará, onde estivera em 1851, em inspeção ao Liceu, tendo, inclusive, deixado aqui boas amizades, a começar pelo Senador Tomaz Pompeu de Souza Brasil. Assim, a chegada a Fortaleza, em 4 de fevereiro de 1859, integrando a Comissão Científica, foi uma ocasião de rever amigos e matar saudades para o «Canário da Comissão», como logo foi apelidado.

E tão bem refez a alma ralada por dissabores e incompreensões familiares, que se sentiu perfeitamente integrado em nosso meio, a ponto de projetar a compra de um pequeno sítio no Crato, para bucólicos períodos de repouso.

Ao Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, escrevia então o Chefe da Seção Etnográfica: «É notável que o Ceará, das nossas Províncias aqueia em que se contam menos escravos e onde se encontram menos indivíduos de raça indígena pura, seja, ao mesmo tempo, a que apresenta os tipos mais belos e mais caracterizados da mistura das duas raças».

Muito ligado a Capanema, deixou-se o poeta por êle arrastar a uma vida de extravagâncias e transgressões às austeras tradições cearenses, attitude adotada, aliás, pelos demais componentes da missão, (exceção feita ao Cons. Freire Alemão), que lhes valeu o apelido de «Comissão das Borboletas».

côm o qual procuravam seus inimigos minimizar as atividades dos cientistas.

Mas, nem Tomaz Pompeu, nem mesmo João Brigido, amigos e admiradores do esforço dos pesquisadores, endossaram tais mesquinhas.

Dois episódios marcaram a passagem de Gonçalves Dias por nossa terra. O primeiro foi o dos camelos. Estava ainda a Comissão em Fortaleza, aguardando seguir para o interior, quando, a 24 de julho de 1859, o navio francês «Splendide» trouxe da Argélia 14 dromedários e 4 tratadores argelinos de enormes turbantes, sacudindo, como era natural num verdadeiro alvoroço, a cidade toda.

Capanema, que fôra autor da idéia de importar aqueles animais para tentar sua aclimação no Nordeste, convenceu Gonçalves Dias a viajarem juntos, numa barraca armada sobre o dorso de um dos dromedários, até Baturité. Sairam, de Fortaleza no meio da maior curiosidade da multidão, porém, antes mesmo de Pacatuba, de tão machucados e enjoados com o bambolear do animal, tiveram de desistir, continuando a viagem a cavalo.

O outro caso acontecido com o poeta foi o chamado «Processo Abel» em que, na passagem por Icó, juntamente com Capanema, se viu indevidamente envolvido com a Polícia e o Presidente da Província Nunes Gonçalves, ao defender um empregado da Secção de Geologia, apanhado pela Polícia portando arma branca, em flagrante desrespeito às determinações das autoridades. Sua resposta sarcástica ao processo que daí se originou enfeixou-a no folheto «O Processo Abel» largamente distribuído no Estado e fora dêle. Tomando a defesa do colega, pela imprensa, Capanema ridicularizou o Presidente da Província em seu «Zigue-Zague da Secção de Geologia da Comissão Científica» publicado no Diário do Rio de Jan. Mas o «affaire» só terminou em 1861, quando tomou posse o novo Presidente do Ceará, Manoel Antônio Duarte de Azevedo, que sustou o andamento do processo.

Quando, a 13 de julho de 1861, após 2 anos e 5 meses de trabalho, a Comissão regressou ao Rio, não a acompanhou Gonçalves Dias. Como no Ceará se encontravam apenas, àquela época, pequenos remanescentes de índios mansos espalhados no Cariri, Serra Grande e em alguns pontos do litoral, o poeta só pudera travar contato com um grupo de tapuias, os Xocó, perto de Milagres. Assim, impossibilitado de cumprir sua tarefa científica em nosso Estado por falta de índios, resolveu ir procurá-los na Amazônia, não sem antes demorar

uns cinco meses no Maranhão, para se retemperar física e espiritualmente.

Bela foi a coleção de material indígena por êle recolhido na Amazônia e destinado, quase todo, ao Instituto Histórico, bem como interessantes as pesquisas realizadas nos arquivos municipais de Icó e Crato, com a ajuda de João Brígido, neste último.

Mas o Relatório oficial da Secção de Etnografia, de que era Chefe, nunca chegou a ser publicado.

Como resultado das atividades da Comissão, somente foi editado, em 1862, pela Tipografia Universal de Laemmert, um volume de 170 páginas intitulado: «Trabalhos da Comissão Científica de Exploração — I — Introdução» contendo os Relatórios de Freire Alemão, Capanema e Lagos, antecedidos por um «Proêmio» e Parte Histórica» de autoria de Gonçalves Dias.

Lembro-me agora, com profunda saudade, da minha longínqua infância, quando meu ilustre mestre, Pe. Quintino Rodrigues nas aulas de Português, no Seminário do Crato; lia, entre os trechos de autores escolhidos, o poema «Gigante de Pedra», do barco maranhense, que, desde então guardei na memória:

«Gigante orgulhoso, de fero semblante,
Em leito de pedra, já jaz a dormir
Em duro granito repousa o gigante
Que os raios, somente, puderam fundir

Dormido atalaia do sêro empinado,
Devêra cuidadoso sanhuço velar,
Um raio partindo, o deixou fulminado,
E a aurora que surge, não há de acordar!»

Pena é que tão cedo, mal transpondo o umbral dos quarenta anos, o houvessem tragado as ondas inclementes de sua terra, sem que o grande bardo pudesse ouvir, mais uma vez, à sombra de suas queridas e decantadas palmeiras, o canto do sabiá!